Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Perfil epidemiológico dos casos notificados de hanseníase na região norte do estado do Ceará de 2020 a 2025

Epidemiological profile of reported leprosy cases in the northern region of the state of Ceará from 2020 to 2025

Perfil epidemiológico de los casos notificados de lepra en la región norte del estado de Ceará de 2020 a 2025

Ana Carolina Damasceno Lopes[1], Thays Evellyn Martins Fernandes Albuquerque[1], Rayane Gadelha Gomes[1], Laura Ibiapina Gonçalves[1], Vitorya Hellen Alcantara Alves[1], Gabriela de Almeida Medeiros Gomes[1], Luana Rodrigues Portela[1], André Montezuma Sales Rodrigues[1], Francisco Jadson Silva Bandeira[1], Antonia Moemia Lúcia Rodrigues Portela[1].

RESUMO

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico dos casos de hanseníase na região norte do estado do Ceará, entre 2020 e 2025, destacando a distribuição por sexo, faixa etária, formas clínicas, grau de incapacidade e implicações em saúde pública. **Métodos:** Estudo epidemiológico, descritivo, quantitativo e retrospectivo, utilizando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Incluíram-se todos os casos notificados no período. As variáveis analisadas contemplaram sexo, idade, forma clínica, grau de incapacidade e número de lesões cutâneas. A organização dos dados ocorreu no Microsoft Excel® 2019, com apresentação em tabelas e gráficos. **Resultados:** Observou-se predominância no sexo masculino e em adultos jovens, além de notificações em crianças, indicando transmissão ativa. Os dados demonstram a persistência da hanseníase como problema de saúde pública, com impacto social e econômico preocupante, principalmente pelo número de casos com incapacidades físicas. **Conclusão:** Evidencia-se a necessidade de se implementar estratégias de vigilância mais eficazes, ampliação da detecção precoce e fortalecimento da atenção básica, visando reduzir a transmissão e minimizar os impactos da doença na região norte do Ceará.

Palavras-chave: Hanseníase, Epidemiologia, Saúde pública, Vigilância em saúde.

ABSTRACT

Objective: To analyze the epidemiological profile of leprosy cases in the northern region of the state of Ceará, between 2020 and 2025, highlighting the distribution by sex, age group, clinical forms, degree of disability, and public health implications. **Methodology:** Epidemiological, descriptive, quantitative, and retrospective study, using data from the Notifiable Diseases Information System (SINAN). All cases reported during the period were included. The variables analyzed included sex, age, clinical form, degree of disability, and number of skin lesions. Data organization was performed using Microsoft Excel® 2019, with presentation in tables and graphs. **Results:** A predominance was observed in males and young adults, in addition to notifications in children, indicating active transmission. The data demonstrate the persistence of leprosy as a public health problem, with a worrying social and economic impact, mainly due to the number of cases with physical disabilities. **Conclusion:** The need to implement more effective surveillance strategies, expand early detection, and strengthen primary care is evident, aiming to reduce transmission and minimize the impacts of the disease in the northern region of Ceará.

Keywords: Leprosy, Epidemiology, Public health, Health surveillance.

[1] Centro Universitário Uninta (UNINTA), Sobral – CE.

SUBMETIDO EM: 10/2025 | **ACEITO EM: 11/2025** | **PUBLICADO EM: 12/2025**

RESUMEN

Objetivo: Analizar el perfil epidemiológico de los casos de lepra en la región norte del estado de Ceará, entre 2020 y 2025, destacando la distribución por sexo, grupo de edad, formas clínicas, grado de discapacidad e implicaciones para la salud pública. **Metodología:** Estudio epidemiológico, descriptivo, cuantitativo y retrospectivo, utilizando datos del Sistema de Información de Enfermedades de Notificación Obligatoria (SINAN). Se incluyeron todos los casos notificados durante el periodo. Las variables analizadas fueron sexo, edad, forma clínica, grado de discapacidad y número de lesiones cutáneas. La organización de los datos se realizó con Microsoft Excel® 2019, con presentación en tablas y gráficos. **Resultados:** Se observó un predominio en hombres y adultos jóvenes, además de notificaciones en niños, lo que indica transmisión activa. Los datos demuestran la persistencia de la lepra como problema de salud pública, con un preocupante impacto social y económico, principalmente debido al número de casos con discapacidad física. **Conclusión:** Es evidente la necesidad de implementar estrategias de vigilancia más eficaces, ampliar la detección temprana y fortalecer la atención primaria, con el objetivo de reducir la transmisión y minimizar los impactos de la enfermedad en la región norte de Ceará.

Palabras clave: Lepra, Epidemiología, Salud pública, Vigilancia en salud.

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, que permanece como um importante problema de saúde pública no Brasil, especialmente em áreas endêmicas como o estado do Ceará. Com evolução lenta, a enfermidade acomete principalmente a pele e os nervos periféricos, podendo gerar incapacidades físicas significativas quando não é diagnosticada e tratada precocemente. Além disso, o estigma social associado à hanseníase, aliado à falta de conhecimento da população sobre seus sinais e sintomas, contribui para o atraso no diagnóstico e, consequentemente, no início do tratamento. Esses fatores representam obstáculos críticos para o controle da transmissão da doença (PALÁCIOS P e YADAMIS Y, 2022); contudo, a hanseníase afeta principalmente a pele e os nervos periféricos, podendo resultar em incapacidades funcionais permanentes de diferentes graus quando o diagnóstico e o tratamento não ocorrem de forma precoce. Embora a poliquimioterapia seja disponibilizada gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a doença ainda persiste como um dos maiores desafios de saúde pública no Brasil. Essa realidade reforça a necessidade de estratégias contínuas de vigilância, educação em saúde e combate ao estigma, fundamentais para reduzir a transmissão e minimizar as sequelas físicas e sociais associadas à enfermidade.

De acordo com a Secretaria de Estado do Ceará (2024), particularmente na região norte, tem enfrentado desafios com relação ao controle da hanseníase. Segundo os dados do Boletim Epidemiológico, entre 2015 e 2022, a doença continuou a apresentar uma carga epidemiológica na região. Municípios como Sobral e Juazeiro do Norte aparecem entre as localidades com maiores coeficientes de detecção da doença. Embora tenha diminuído no número total de casos notificados nos últimos anos devido ao impacto da pandemia do COVID-19 na vigilância e detecção ativa, a hanseníase ainda permanece como uma ameaça à saúde pública, com casos novos sendo registrados durante todos os anos.

Cabe ressaltar que, apesar dos avanços no diagnóstico e no tratamento, o Brasil ocupa a segunda posição mundial em número absoluto de casos de hanseníase, ficando atrás apenas da Índia. Essa situação demonstra a persistência de desigualdades regionais no enfrentamento da enfermidade, especialmente em estados do Nordeste. Estudos apontam que a alta endemicidade em determinadas regiões brasileiras está relacionada não apenas a questões biológicas, mas também a fatores sociais, como condições precárias de moradia, baixa escolaridade e dificuldades de acesso aos serviços de saúde. Assim, compreender a realidade epidemiológica local torna-se essencial para orientar políticas públicas e intervenções em saúde mais efetivas (WHO, 2023).

Entre 2020 e a metade de 2024, a detecção de casos na região norte do Ceará refletiu tanto o esforço das autoridades sanitárias em intensificar as ações de vigilância epidemiológica quanto os desafios enfrentados para alcançar um diagnóstico precoce e ampliar a cobertura de tratamento. A análise do perfil epidemiológico durante esse período visa compreender a dinâmica da transmissão da doença, a distribuição dos casos por

município e o grau de incapacidade física observado nos pacientes diagnosticados. Esses dados têm como propósito elaborar controle que seja eficaz, principalmente em áreas que são consideradas prioridade nos municípios e que não registraram há muito tempo.

Outro aspecto que merece destaque é a importância da integração entre a atenção básica e os serviços especializados para o enfrentamento da hanseníase. A descentralização das ações de diagnóstico e tratamento para as Unidades Básicas de Saúde (UBS) tem se mostrado essencial para ampliar o acesso da população, principalmente em áreas mais remotas. Entretanto, ainda existem barreiras relacionadas à capacitação dos profissionais de saúde, à baixa procura dos usuários e à dificuldade de identificação precoce dos sinais da doença (PENNA MLF, et al., 2023). Nesse sentido, políticas de educação permanente em saúde e a intensificação de campanhas de informação junto à comunidade são fundamentais para reduzir a subnotificação e garantir maior efetividade no controle da enfermidade.

Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar o perfil epidemiológico dos casos notificados de hanseníase na região norte do estado do Ceará no período de 2020 a 2025, no intuito de aprimorar as políticas públicas de saúde voltadas ao controle dessa doença na região.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, quantitativo e retrospectivo, fundamentado na análise de casos de hanseníase notificados no período de 2020 a 2025. As informações foram obtidas a partir de dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde e pela Secretaria da Saúde do Estado do Ceará (SESA-CE). Esse tipo de estudo possibilita caracterizar a distribuição dos casos segundo variáveis sociodemográficas, clínicas e temporais, contribuindo para a compreensão do comportamento da doença na região estudada.

A pesquisa foi realizada na região norte do estado do Ceará, área composta por municípios com elevada incidência epidemiológica de hanseníase, incluindo localidades consideradas prioritárias pelo Ministério da Saúde. A população do estudo correspondeu a todos os casos de hanseníase notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no período delimitado.

Não foi utilizada amostragem, visto que foram incluídos todos os registros disponíveis que atenderam aos critérios de inclusão. Os critérios de inclusão abrangeram todos os casos novos de hanseníase notificados na região norte do Ceará entre 2020 e 2025. Como critérios de exclusão, foram descartados registros duplicados, inconsistentes ou com informações incompletas.

As variáveis analisadas foram: sociodemográficas (sexo, faixa etária, escolaridade e município de residência), clínicas (grau de incapacidade física no diagnóstico e no acompanhamento) e epidemiológicas (ano de notificação, modo de detecção e situação de encerramento). Os dados foram organizados em planilhas no software Microsoft Excel® 2019 e analisados por meio de estatística descritiva, utilizando frequências absolutas e relativas. Os resultados foram apresentados em tabelas e gráficos, visando facilitar a interpretação e a visualização da distribuição dos casos ao longo do período analisado.

Considerações éticas e aspectos éticos

Por se tratar de pesquisa realizada com dados secundários de acesso público, disponíveis em sistemas oficiais de informação em saúde, não foi necessário submeter o estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Ainda assim, foram respeitados os princípios de confidencialidade e anonimato dos dados.

RESULTADOS

Na macrorregião de saúde de Sobral, conforme ilustrado no **Gráfico 1**, foram registrados 1.217 casos de hanseníase entre 2020 e 2025. Observou-se que, apesar de pequenas oscilações, a tendência geral foi de crescimento no número de notificações ao longo do período. Em 2020, contabilizaram-se 208 casos, aumentando para 218 em 2021 e 222 em 2022. No ano de 2023, ocorreu um salto expressivo, alcançando 280 registros, o maior quantitativo do período analisado. Em 2024, o número manteve-se elevado, com 279

notificações. Já em 2025, foram registrados apenas 10 casos até o momento, valor que provavelmente se deve à incompletude dos dados do ano em curso.

Tabela 1 - Evolução temporal dos casos de hanseníase (2020–2025) na macrorregião de Sobral.

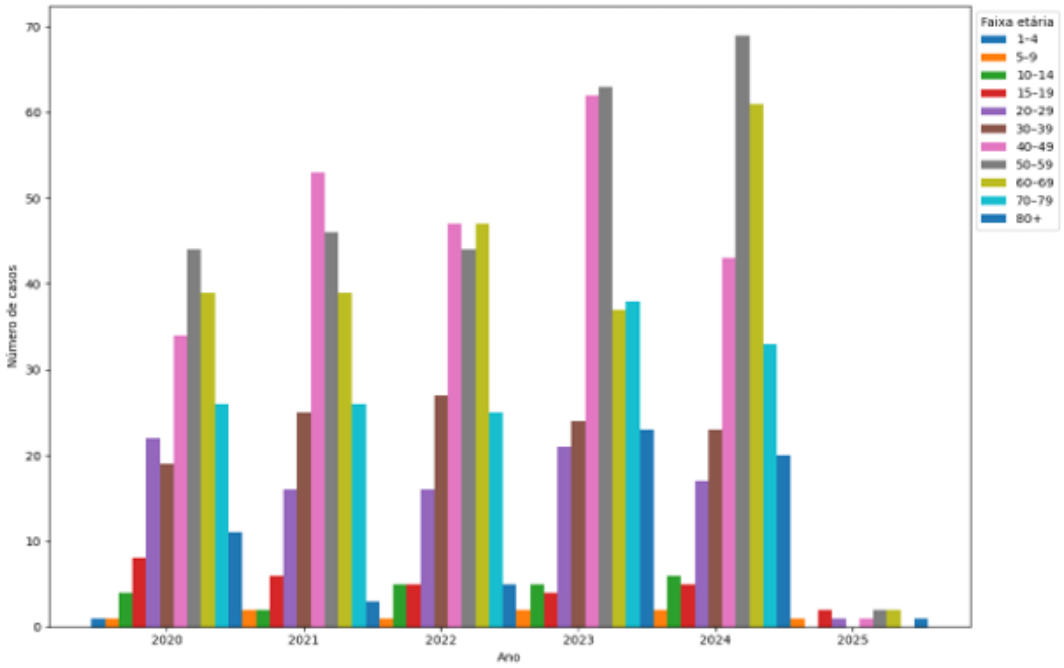
Ano	Número de casos
2020	208
2021	218
2022	222
2023	280
2024	279
2025	10
Total	1217

Fonte: Lopes ACD, et al., 2025.

A distribuição dos casos de hanseníase por faixa etária na macrorregião de saúde de Sobral entre 2020 e 2023 mostrou a presença da doença em diferentes grupos etários, incluindo crianças e adolescentes, o que aponta para a persistência da transmissão ativa na comunidade. No ano de 2020, observou-se a ocorrência de 1 caso em crianças de 1 a 4 anos, 1 caso entre 5 a 9 anos e 4 casos na faixa de 10 a 14 anos, totalizando 6 registros em menores de 15 anos. Foram notificados 8 casos entre 15 e 19 anos, 22 casos entre 20 e 29 anos e 19 casos entre 30 e 39 anos.

Em 2021, não houve registros na faixa de 1 a 4 anos, enquanto foram notificados 2 casos entre 5 e 9 anos e 2 casos entre 10 e 14 anos. Já entre os adolescentes de 15 a 19 anos foram observados 6 casos, acompanhados por 16 casos na faixa de 20 a 29 anos e 25 na de 30 a 39 anos. No ano de 2022, novamente não se observaram registros em crianças de 1 a 4 anos, havendo 1 caso entre 5 e 9 anos e 5 casos na faixa de 10 a 14 anos. Os adolescentes de 15 a 19 anos somaram 5 casos, enquanto os adultos jovens de 20 a 29 anos apresentaram 16 registros e aqueles de 30 a 39 anos totalizaram 27 casos. O que se verificou foi que a hanseníase acometeu todas as faixas etárias analisadas, com principalmente entre adultos na faixa etária de 20 a 39 anos. Entretanto, a presença de casos em crianças menores de 15 anos ao longo de todo o período analisado merece atenção especial, por se tratar de um indicador importante de transmissão ativa e recente da doença na comunidade.

Gráfico 1 - Perfil sociodemográfico dos casos de hanseníase por faixa etária (2020–2025).



Fonte: Lopes ACD, et al., 2025.

A **Tabela 2**, apresenta a distribuição dos casos de hanseníase por forma clínica notificada entre os anos de 2020 e 2025. Observa-se que a forma clínica dimorfa foi a mais prevalente em todos os anos, com um total de 375 casos, representando aproximadamente 30,8% do total de notificações (1.217 casos). As formas virchowiana (284 casos) e tuberculóide (160 casos) apresentaram os segundos e terceiros maiores números de casos, respectivamente.

As categorias ignorado/branco e indeterminada apresentaram as menores incidências ao longo do período, com 89 e 157 casos, respectivamente, enquanto a categoria não classificada totalizou 152 registros. O ano de 2023 concentrou o maior número de notificações (280 casos), seguido de 2024 (279 casos), evidenciando um aumento expressivo em comparação aos anos anteriores. Em contrapartida, 2025 apresentou apenas 10 casos registrados até o momento, número que provavelmente reflete a parcialidade dos dados disponíveis ou possíveis subnotificações.

Tabela 2 - Distribuição Percentual das Formas Clínicas (2020–2025).

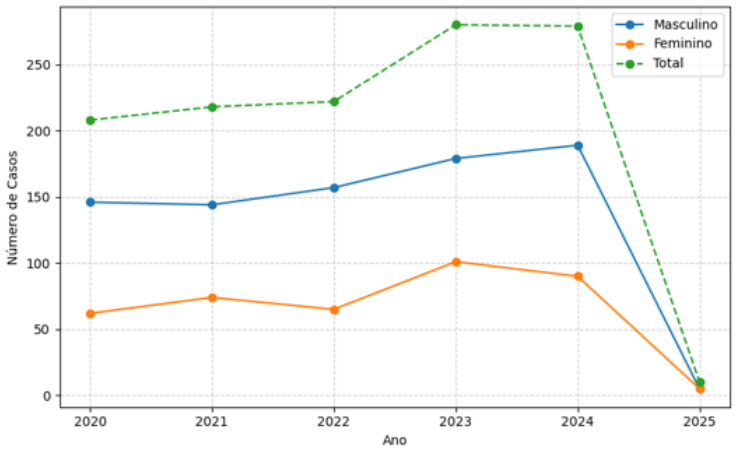
Forma clínica	Casos
Dimorfa	375
Virchowiana	284
Tuberculóide	160
Indeterminada	157
Não classificada	152
Ign/Branco	89
Total	**1217**

Fonte: Lopes ACD, et al., 2025.

Em 2025, não foram registrados casos da forma tuberculóide, enquanto as categorias ignorado/branco e não classificada apresentaram valores mínimos. Esse cenário pode indicar tanto uma tendência de redução nas notificações quanto possíveis inconsistências no preenchimento das fichas de registro. De acordo com o **Gráfico 2**, o gênero masculino concentrou a maior proporção de casos de hanseníase no período analisado, correspondendo a 67,4% (820 casos), enquanto o feminino representou 32,6% (397 casos). Em todos os anos, os homens apresentaram maior número de notificações, com destaque para 2023 e 2024, quando foram observados os picos de registros. Já em 2025, contabilizaram-se apenas 10 casos, possivelmente em razão da parcialidade dos dados do ano em curso.

A desproporção entre os gêneros pode estar associada a diferenças na exposição ao risco, no acesso aos serviços de saúde ou na procura por diagnóstico precoce. A análise da série temporal, apresentada no gráfico de linhas, mostra que a linha azul (masculino) manteve valores superiores em relação ao sexo feminino (linha laranja), embora ambos tenham acompanhado a mesma tendência de crescimento. Por sua vez, a linha tracejada (total) evidencia os picos de notificações nos anos de 2023 e 2024.

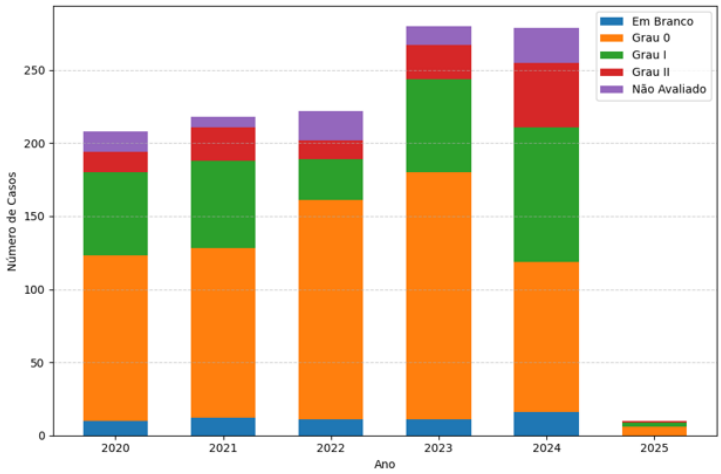
Gráfico 2 - Casos de Hanseníase por Sexo (2020–2025).



Fonte: Lopes ACD, et al., 2025.

A maioria dos casos apresentou Grau 0 de incapacidade, com 657, para boa parte dos pacientes. Entretanto, os registros de Grau I, com 304 casos e Grau II com 118 casos, somam 422 casos, o que equivale a mais de 1/3 dos pacientes que já apresentavam algum nível de incapacidade no momento do diagnóstico. O ano de 2024 apresentou um aumento de casos com incapacidades em Grau I e II, isso se deu, devido às falhas na detecção precoce. Os campos em branco, com 60 casos e os Não Avaliados, com 78 casos apontam as fragilidades no preenchimento das fichas e na realização da avaliação clínica, impactando a qualidade da vigilância epidemiológica, de acordo com o **Gráfico 3**.

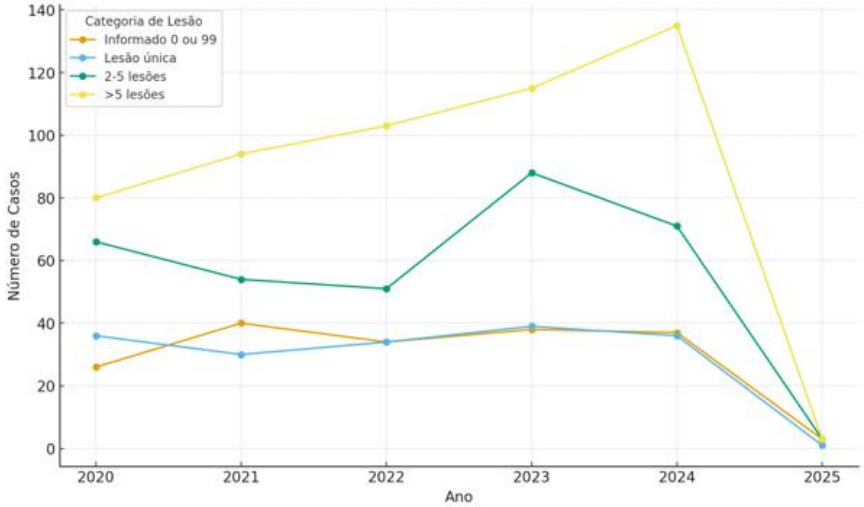
Gráfico 3 - Avaliação do Grau de Incapacidade nos Casos Notificados de Hanseníase (2020–2025).



Fonte: Lopes ACD, et al., 2025.

A análise da distribuição das lesões cutâneas entre 2020 e 2025 evidencia um crescimento expressivo dos casos classificados como múltiplas lesões (acima de cinco), conforme mostra o **Gráfico 4**. Em 2020, essa categoria registrava 80 ocorrências, aumentando progressivamente até alcançar 135 em 2024, o que indica uma tendência de elevação ao longo do período. Em contrapartida, as categorias lesão única e duas a cinco lesões apresentaram variações discretas e permaneceram relativamente estáveis, enquanto os registros informados como 0 ou 99 não demonstraram crescimento. O ano de 2025, por se tratar de dados parciais, apresentou números reduzidos em todas as categorias. No total, os registros evoluíram de 208 casos em 2020 para 279 em 2024, evidenciando um aumento global das notificações, especialmente influenciado pelo crescimento dos casos de lesões múltiplas, que passaram a predominar no cenário recente.

Gráfico 4 - Distribuição de lesões cutâneas por ano



Fonte: Lopes ACD, et al., 2025.

DISCUSSÃO

A análise dos casos de hanseníase na macrorregião de saúde de Sobral entre 2020 e 2025 demonstrou manutenção da endemia até 2022, seguida de elevação a partir de 2023. Esse comportamento pode estar associado tanto ao aumento real da transmissão quanto à melhoria dos sistemas de vigilância epidemiológica e à retomada gradual dos serviços de saúde após a pandemia da COVID-19. Segundo Ferreira LA, et al. (2023), o período pandêmico impactou diretamente a detecção da hanseníase no Brasil, resultando em subnotificação e diagnóstico tardio. Esse achado reforça a hipótese de que parte do aumento observado em 2023 esteja relacionado à reestruturação da rede assistencial e à retomada das buscas ativas, fenômeno descrito também em outros estados endêmicos (BRASIL, 2022). Nesse contexto, destaca-se a importância de fortalecer ações educativas e estratégias de vigilância ativa nas comunidades, ampliando a sensibilização populacional e a capacidade diagnóstica dos profissionais de saúde locais.

No cenário nacional, a pandemia da COVID-19 teve impacto direto na notificação da hanseníase, reduzindo temporariamente os diagnósticos em crianças e na população em geral. Um estudo de Sousa AP, et al. (2025) demonstrou que as taxas de detecção sofreram queda imediata no início da pandemia, seguida de recuperação gradual nos anos subsequentes, o que corrobora a hipótese de subnotificação temporária e acúmulo de diagnósticos tardios. Em Pernambuco, Souza AC, et al. (2024) evidenciaram uma redução de até 65,3% nos casos pediátricos entre 2020 e 2021, revelando o impacto regional na detecção em menores de 15 anos.

A ocorrência persistente de casos em menores de 15 anos em Sobral confirma a manutenção da transmissão ativa. Estudo de Mendes TR, et al. (2023) reforça que a hanseníase infantil permanece como um desafio em áreas hiperendêmicas do Nordeste, indicando falhas na vigilância de contatos. De forma semelhante, Gama RS, et al. (2024) encontraram elevada incidência de hanseníase paucibacilar em crianças e adolescentes, sugerindo transmissão contínua em núcleos familiares. Sarno EN, et al. (2022) acrescentam que a presença de casos pediátricos é considerada um dos principais entraves para a eliminação global da doença.

A distribuição etária dos casos demonstrou predominância em adultos jovens (20–39 anos), faixa etária economicamente ativa. Esse padrão preocupa, pois, a hanseníase nessa população gera repercussões sociais e econômicas importantes. Cunha MH, et al. (2022) destacam que a prevalência em indivíduos produtivos compromete a qualidade de vida e aumenta a sobrecarga nos sistemas de seguridade social. Moraes EC, et al. (2023) reforçam que, em muitos municípios brasileiros, a detecção da doença permanece estável entre adultos, exigindo ações contínuas de controle. Além disso, Nery JA, et al. (2023) ressaltam que o estigma e a exclusão social ampliam a vulnerabilidade dessa população.

Do ponto de vista clínico, a predominância de formas multibacilares, como a dimorfa e a virchowiana, reflete diagnóstico tardio e maior potencial de transmissão. Silva RP, et al. (2022) relacionaram a alta proporção de casos multibacilares no Brasil a falhas no reconhecimento precoce da doença, o que favorece incapacidades físicas e perpetua a cadeia epidemiológica. Siqueira-Sczmanski F, et al. (2025) reforçam que a persistência de índices elevados de formas multibacilares confirma a hanseníase como problema de saúde pública. Gonçalves PR, et al. (2024) acrescentam que, apesar da presença de casos paucibacilares, os multibacilares ainda predominam no país, reforçando a necessidade de estratégias diagnósticas mais efetivas.

Em relação ao sexo, verificou-se predominância de casos em homens (67,4%), o que converge com achados nacionais. Souza MR, et al. (2023) associaram a maior incidência no sexo masculino a fatores socioculturais, como exposição ocupacional e baixa procura pelos serviços de saúde. Monteiro LV, et al. (2023), em revisão sistemática, demonstraram que desigualdades de gênero influenciam diretamente o acesso ao diagnóstico, demandando estratégias específicas para a população masculina.

Outro aspecto relevante refere-se ao grau de incapacidade. Embora a maioria tenha sido diagnosticada em Grau 0, parcela significativa apresentou incapacidades físicas (Graus I e II), especialmente em 2024. Oliveira RS, et al. (2023) destacam que a manutenção de casos com incapacidades físicas ainda é obstáculo

à eliminação da hanseníase como problema de saúde pública. Matos LF, et al. (2025) identificaram clusters espaciais de risco para casos com grau 2 de incapacidade, evidenciando desigualdades regionais. Duarte AL, et al. (2024) reforçam que a persistência dessas formas graves reflete falhas no diagnóstico precoce, exigindo fortalecimento da vigilância epidemiológica e dos serviços de reabilitação.

Finalmente, a transmissão da hanseníase ocorre principalmente por gotículas respiratórias de indivíduos não tratados, especialmente aqueles com comprometimento nasal (WHO, 2025). Nesse contexto, somente a ampliação da detecção precoce, do tratamento imediato e da vigilância de contatos poderá interromper a cadeia de transmissão. A hanseníase continua sendo uma realidade desafiadora na região norte do Ceará e no Brasil como um todo, onde desigualdades sociais e falhas estruturais no sistema de saúde perpetuam a endemia. Assim, a eliminação da hanseníase exige um enfoque integrado que combine ações biomédicas, sociais e estruturais, em consonância com a Estratégia Global para Hanseníase 2021–2030 (WHO, 2021).

CONCLUSÃO

A hanseníase, apesar dos avanços no diagnóstico e tratamento, continua sendo uma realidade preocupante na região norte do Ceará, atingindo diferentes faixas etárias, inclusive crianças, o que indica transmissão comunitária ativa. Essa situação evidencia a necessidade urgente de vigilância constante e diagnóstico precoce, já que muitos pacientes apresentam algum grau de incapacidade no momento da detecção, revelando falhas na identificação em estágios iniciais. A presença da doença em menores de idade, considerada pela Organização Mundial da Saúde como marcador de transmissão recente, mostra que o bacilo da Hanseníase ainda circula e que as medidas de prevenção e rastreamento não têm sido suficientes, apontando lacunas na vigilância epidemiológica, na educação em saúde e no acompanhamento de pessoas de pessoas que tiveram contato com casos positivos. O predomínio em homens sugere influência de fatores socioculturais e comportamentais, pois este grupo tende a procurar menos os serviços de saúde, atrasando o diagnóstico e ampliando o risco de disseminação. Em adultos, a hanseníase pode gerar incapacidades físicas e afastamento laboral, agravando os impactos sociais e econômicos. Esses achados reforçam a urgência de políticas públicas eficazes, com ênfase em educação em saúde, capacitação profissional e fortalecimento da atenção básica, fundamentais para reduzir o estigma, garantir acesso oportuno ao tratamento e interromper a cadeia de transmissão, assegurando dignidade e qualidade de vida às pessoas afetadas.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico de Hanseníase. Brasília: MS, 2022.
2. CUNHA MH, et al. Impacto socioeconômico da hanseníase em indivíduos em idade produtiva. Revista de Saúde Pública, 2022; 56(87).
3. DUARTE AL, et al. Incapacidades físicas em hanseníase: análise recente no Brasil. Revista Panamericana de Salud Pública, 2024; 48: 23-31.
4. FERREIRA LA, et al. A influência da pandemia da COVID-19 na detecção de hanseníase no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 2023; 39(3): e00234523.
5. FREITAS CA, et al. Capacitação em atenção primária para diagnóstico precoce da hanseníase. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, 2023; 18: 1452-1460.
6. GAMA RS, et al. Hanseníase em crianças e adolescentes em área endêmica no Nordeste. Infectious Diseases Journal, 2024; 45(2): 210-219.
7. GONÇALVES PR, et al. Perfil clínico-epidemiológico da hanseníase no Brasil: prevalência de casos multibacilares. PLOS Neglected Tropical Diseases, 2024; 18(5): e0012345.
8. MATOS LF, et al. Distribuição espacial da hanseníase com grau 2 de incapacidade no Brasil. BMC Public Health, 2025; 25(7): 1120-1130.
9. MENDES TR, et al. Hanseníase em menores de 15 anos no Brasil: desafios persistentes. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, 2023; 56: e20230521.

10. MONTEIRO LV, et al. Diferenças de gênero no acesso ao diagnóstico de hanseníase: revisão sistemática. International Journal of Leprosy, 2023; 91: 34-45.
11. MORAES EC, et al. Tendência epidemiológica da hanseníase em municípios brasileiros. International Journal of Dermatology, 2023; 62(8): 911-920.
12. NERY JA, et al. Estigma e exclusão social na hanseníase: desafios para a eliminação. Revista de Saúde Coletiva, 2023; 33: e34245.
13. OLIVEIRA RS, et al. Incapacidades físicas associadas à hanseníase no Brasil. Jornal Brasileiro de Doenças Negligenciadas, 2023; 31: 54-63.
14. PALÁCIOS P e YADAMIS Y. Detecção e variabilidade genética de Mycobacterium leprae numa região altamente endêmica para hanseníase e avaliação de fatores associados à transmissão recente. 2022.
15. PENNA MLF, et al. Challenges in the elimination of leprosy in Brazil: a critical review. PLoS Neglected Tropical Diseases, 2023; 17(4): e0012345.
16. SARNO EN, et al. Leprosy in children: a global challenge for elimination. The Lancet Infectious Diseases, 2022; 22(4): 490-499.
17. SECRETARIA DA SAÚDE DO CEARÁ. Boletim epidemiológico da hanseníase – 2024. SESA, 2024.
18. SIQUEIRA-SCZAMANSKI F, et al. Hanseníase no Brasil: manutenção de índices de detecção e formas clínicas. PLoS ONE, 2025; 20(1): e0289562.
19. SILVA RP, et al. Hanseníase multibacilar e diagnóstico tardio no Brasil. Anais Brasileiros de Dermatologia, 2022; 97: 121-129.
20. SILVA WD, et al. Subnotificação da hanseníase nos sistemas oficiais. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 2024; 33(1): e2023225.
21. SOUSA AP, et al. Impact of COVID-19 pandemic on leprosy detection in Brazil. Nature Medicine, 2025; 31: 44-52.
22. SOUZA AC, et al. Redução de casos pediátricos de hanseníase em Pernambuco durante a pandemia. Leprosy Review, 2024; 95(2): 134-142.
23. SOUZA MR, et al. Perfil epidemiológico da hanseníase em homens no Brasil. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2023; 26: e230028.
24. TOLEDO AS, et al. Hanseníase: uma revisão da literatura. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 2024; 10(8): 389-395.
25. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global leprosy (Hansen's disease) update, 2022: moving towards interruption of transmission. Weekly Epidemiological Record, 2023; 98(36): 429-450.
26. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global leprosy strategy 2021–2030: towards zero leprosy. Geneva: WHO, 2021.
27. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global leprosy report 2023. Geneva: WHO, 2023.
28. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Leprosy fact sheet. Geneva: WHO, 2025.